INSTITUTO CAMILIANO DE PASTORAL DA SAÚDE

boletim

ICAPS

Nº 454

JUL/AGO/SET

2026

“O Senhor está perto de quem tem o coração ferido, salva os ânimos abatidos.

SL 34(33), 19

GERAL

A finitude da profundidade ao existir

CENTRAL

Pastoral da Saúde: a espiritualidade diante das fragilidades humanas

CARISMA

Anunciai o Reino de Deus e curai os doentes

/Editorial
São Camilo

/Pastoral da Saúde

INFORMATIVO DO INSTITUTO CAMILIANO DE PASTORAL DA SAÚDE

ANO XLII / Nº 454
JUL/AGO/SET DE 2026

INSTITUTO CAMILIANO DE PASTORAL DA SAÚDE

Av. Pompeia, 888, Vila Pompeia
São Paulo/SP | CEP 05022-000

icaps@camilianos.org.br
www.icaps.org.br
www.facebook.com/icaps.pastoral
www.instagram.com/icaps.pastoral

/Contato:
(11) 3862-7286 / (11) 97672-9768

/Atendimento online ou via telefone:
De segunda a sexta, das 9h às 17h.

/Atendimento presencial:
Somente via agendamento (não abrimos aos finais de semana e feriados).

"São Camilo Pastoral da Saúde" é uma publicação do Instituto Camiliano de Pastoral da Saúde - Província Camiliana Brasileira. Os artigos publicados são da responsabilidade dos(as) seus(suas) respectivos(as) autores(as).

/Provincial:
Pe. Mateus Locatelli, M .I.

/Conselheiros:
Pe. Adailton Mendes das Silva, M .I.
Pe. Lucas Rodrigues Dalbom, M .I.
Pe. Maurício Gris, M. I.
Pe. Zaqueu Geraldo Pinto, M. I.

/Coordenador:
Pe. José Wilson C. Silva, M. I.

/Assessor:
Pe. Manoel Roberto Gonçalves Pinto, M. I.

/Coordenador de Cursos:
Ir. Enzo Hermán Maximiliano Vargas, M. I.

/Colaboração:
Família Carismática Camiliana

/Periodicidade: Trimestral

/Projeto Editorial: Comunicação Província Camiliana Brasileira

Editorial

3 Editorial

5 Geral

6 Igreja

7 Espiritualidade Camiliana

9 Testemunho

10 Central

12 Carisma e Vida Religiosa

13 Entrevista - Ofício de Fé

15 Aconteceu

Boletim digital:

Você pode receber o boletim no seu e-mail trimestralmente. Basta entrar em contato conosco para cadastrar o seu e-mail.

Estimados Leitores,

É com alegria que apresentamos mais uma edição do **Boletim do ICAPS**.

Pe. Gilmar, em sua reflexão, afirma que o cuidado cristão com o doente consiste em ser presença de Cristo junto àquele que sofre. Elisabet nos recorda que, diante das “dores da alma”, a espiritualidade pode oferecer sentido, esperança, conforto e força para enfrentar as adversidades.

Pe. Carlos destaca que a missão camiliana une o cuidado dos enfermos ao anúncio do Reino de Deus, levando a ternura, o consolo e a esperança de Cristo. Por meio da presença, da oração e da Palavra, manifesta o amor misericordioso de Deus e fortalece a fé. O religioso Deivis apresenta uma reflexão sobre a Carta aos Gálatas, mostrando a cruz de Cristo como chave para compreender o sofrimento à luz da graça, da esperança e do amor de Deus.

Também apresento duas reflexões sobre a finitude e a “Dor Total”. A finitude nos recorda que tudo o que existe está sujeito ao tempo, à fragilidade e à morte, tornando a vida ainda mais preciosa e significativa, e que o sofrimento é multidimensional, envolvendo aspectos físicos, emocionais, sociais, relacionais e espirituais.

Ir. Cássia apresenta a figura de Santa Josefina Vannini e sua trajetória a partir do encontro com o padre Luís Tezza. Inspirada por São Camilo, Madre Vannini transformou sua fé e sua sensibilidade diante do sofrimento dos enfermos em uma missão de caridade misericordiosa, reconhecendo Cristo em cada pessoa que sofre.

Enfim, em união de intenção de oração do Papa Leão XIV, rezemos pela implantação do ministério da saúde mental, ou seja, da Pastoral da Saúde Mental.

Boa leitura!

Pe. José Wilson, M. I.
Coordenador do ICAPS



A *finitude* dá profundidade ao *existir*

"E *há a igreja de Santa Maria delle Grazie. Ali mesmo ao lado, no lugar onde foi o refeitório do convento dos dominicanos, está a «Ceia» de Leonardo, já condenada à morte quando o pintor lhe pôs a última pincelada: a humidade do terreno começara imediatamente o seu trabalho de corrosão. Hoje, transformou em pálidas sombras as figuras de Cristo e dos apóstolos, espalhou nuvens sobre elas, descascou-as em milhares de pontos como uma constelação de estrelas mortas num espaço luminoso. É uma questão de tempo. Apesar de todos os cuidados minuciosos que a rodeiam, a «Ceia» agoniza, e, para além dos prestígios da arte incomparável de Leonardo, talvez seja essa morte próxima que nos torna ainda mais preciosa a pintura magnífica. Quando a deixamos, levamos dobradas razões para temer que não voltemos a vê-la. Mesmo que não venha aí outra guerra que derrube mais uma vez o edifício, transformando-o num montão de ruínas, de traves eriçadas, de entulho, de tijolos triturados. A «Ceia» parece definitivamente prometida a outro fim"*

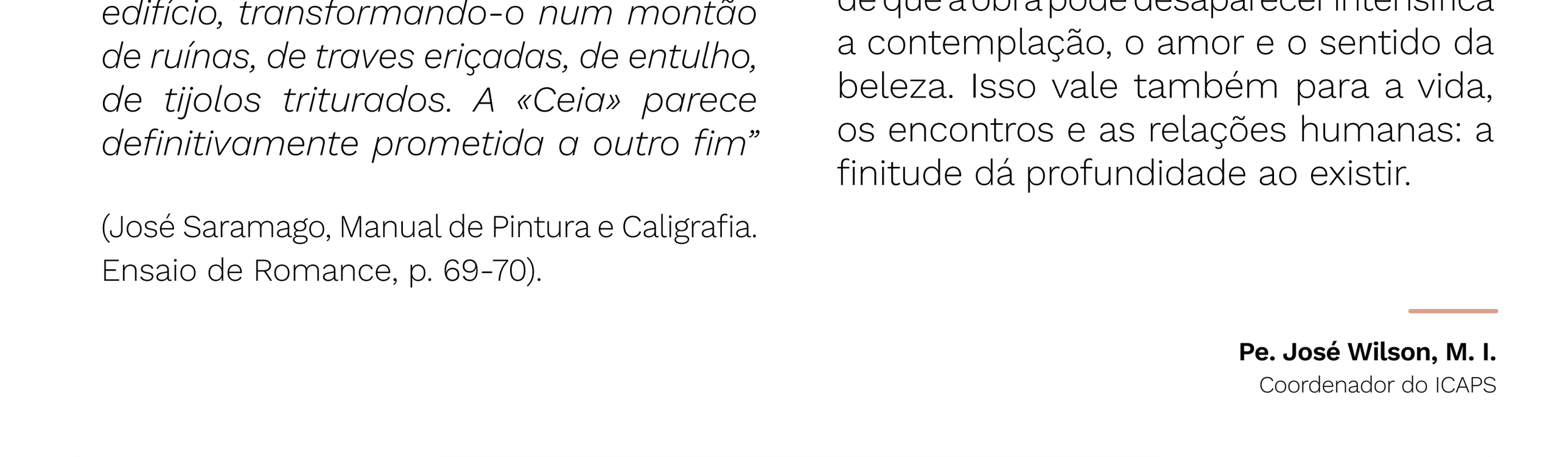
(José Saramago, Manual de Pintura e Caligrafia. Ensaio de Romance, p. 69-70).

Essa passagem de José Saramago reflete sobre arte, tempo, morte e fragilidade humana, transformando A Última Ceia em símbolo da condição humana. Saramago afirma que a pintura já estava "condenada à morte" ao ser concluída, mostrando que tudo o que nasce começa também a morrer. A umidade que corrói a obra torna-se metáfora do tempo: lento, inevitável e silencioso, consumindo corpos, memórias, civilizações e obras de arte.

A imagem das figuras apagadas, descritas como "constelação de estrelas mortas num espaço luminoso" expressa poeticamente essa deterioração. A pintura agoniza, mas ainda resplandece; do mesmo modo, os seres humanos desaparecem, mas deixam vestígios, memória e beleza mesmo na ruína.

A ideia central do trecho é que a fragilidade aumenta o valor das coisas. A consciência de que a obra pode desaparecer intensifica a contemplação, o amor e o sentido da beleza. Isso vale também para a vida, os encontros e as relações humanas: a finitude dá profundidade ao existir.

Pe. José Wilson, M. I.
Coordenador do ICAPS





"*Dor total*" e a presença pastoral

No contexto do fim de vida, o sofrimento manifesta-se de maneira multidimensional. A literatura sobre cuidados paliativos utiliza diferentes expressões para descrever essa realidade: sofrimento existencial, dor espiritual, angústia psicoespiritual e síndrome de desmoralização.

Foi Cicely Saunders quem formulou o conceito de "dor total", reconhecendo que o sofrimento humano ultrapassa o corpo físico e envolve dimensões emocionais, sociais, relacionais e espirituais. Muitas vezes, o sofrimento mais profundo não decorre exclusivamente da dor corporal, mas da sensação de perda de identidade, da ruptura dos vínculos, do isolamento e da ausência de sentido.

Sob essa perspectiva, torna-se evidente que o cuidado não pode restringir-se à competência técnica ou biomédica. A competência científica é indispensável, porém insuficiente quando dissociada da presença humana, da escuta e da compaixão. Há sofrimentos que não aparecem nos exames laboratoriais, mas que se revelam nas angústias relacionadas à perda de sentido, à vulnerabilidade humana, ao medo da morte e às inquietações espirituais despertadas pela terminalidade.

Em determinadas situações, o cuidado mais significativo consiste simplesmente em permanecer ao lado do paciente, acolher sua dor e oferecer uma presença humanizadora. A comunicação empática e a escuta compassiva constituem intervenções fundamentais no cuidado de pessoas que vivenciam sofrimento existencial e espiritual.

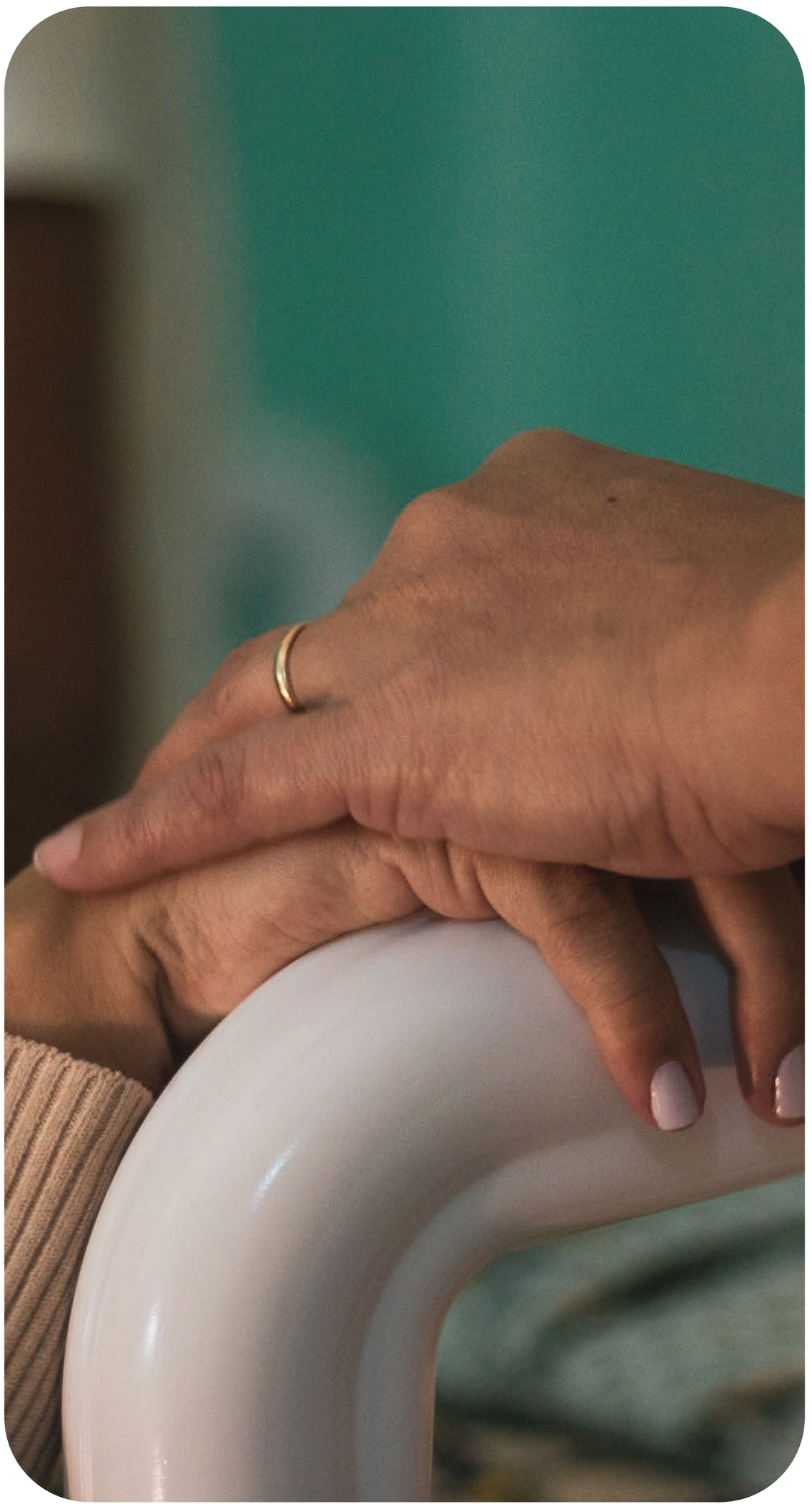
Para a Pastoral da Saúde, compreender o sofrimento existencial e a "dor total" é fundamental para o cuidado integral da pessoa enferma. Diante da doença grave e do fim da vida, a pessoa pode vivenciar dores, perdas, medos, rupturas e questionamentos sobre o sentido da vida. Nesse contexto, a presença pastoral, marcada pela escuta, pelo acolhimento, pela compaixão e pelo respeito às convicções da pessoa, contribui para aliviar o sofrimento, fortalecer a esperança e acompanhar o paciente e sua família, em diálogo com a equipe multiprofissional.

Pe. José Wilson, M. I.
Coordenador do ICAPS

Cuidar do Cristo, *cuidar dos enfermos*

A assistência aos doentes envolve múltiplas formas de intervenção. Entre elas, destacam-se a atuação de equipes multiprofissionais, as terapias, os medicamentos e o cuidado integral da pessoa enferma em suas dimensões humana, física, psicológica e espiritual. Com esses recursos e práticas, busca-se integrar o cuidado e promover a recuperação da saúde da pessoa enferma. No Evangelho, é o próprio Jesus que se identifica com os enfermos:

> *"Todas as vezes que o fizestes a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes"*
> *(Mt 25,40b).*



Cuidar dos enfermos está diretamente ligado a cuidar de Cristo. Cuidar de Cristo, que sofre na pessoa do doente, é uma ação intrinsecamente ligada à compaixão, porque quem se compadece se aproxima, acolhe e cuida, como fez o bom samaritano (cf. Lc 10,25-37). "A compaixão leva à ação, a dar assistência, a gastar, a colocar a serviço dos outros o que se é e o que se tem; a renunciar a comodidades, a viver sem luxo, a desfazer-se do supérfluo, a simplificar o estilo de vida" (Pe. Júlio Munaro, Revista Camilianos do Brasil, set./dez. 2006).

O Papa Leão XIV, na Exortação Apostólica Dilexi te, sobre o amor para com os pobres, diz que a compaixão cristã se revela de modo concreto no cuidado com os doentes e sofredores. "A tradição cristã de visitar os doentes, de lavar as suas feridas, de confortar os aflitos não se resume a uma mera obra de filantropia, mas é ação eclesial através da qual, nos enfermos, os membros da Igreja 'tocam a carne sofredora de Cristo'" (DT, 49). Com essa ação compassiva de cuidado e assistência, a Pastoral da Saúde constitui uma das mediações mais próximas para imitar os gestos de Jesus.

A Pastoral da Saúde, conforme o Documento de Aparecida, "é a resposta às grandes interrogações da vida, como o sofrimento e a morte, à luz da morte e ressurreição do Senhor" (DAp, 418). O mesmo documento afirma que a "Igreja tem feito opção pela vida". Nessa perspectiva, a ação eclesial assume caráter sanador. "O 'sanar' que às vezes pode exprimir-se com gestos de curas extraordinárias é parte integrante da própria missão da Igreja, de sua ação pastoral e evangelizadora, momento de sua ministerialidade" (GPS, 64).

Toda ação ministerial de cura concretiza-se por meio da solidariedade, da escuta e do cuidado. O cuidado com o outro é uma expressão concreta de que o verbo amar não pode reduzir-se apenas a um sentimento,

mas deve traduzir-se em atitudes que resgatam e geram vida. “Não é a ciência que redime o homem. O homem é redimido pelo amor” (Spe Salvi, 26). É em Cristo que buscamos e encontramos o modelo e o sentido do cuidado, pois ele viveu plenamente o amor a Deus e ao próximo em uma atitude solidária que se traduziu em serviço aos mais vulneráveis e empobrecidos, especialmente aos doentes.

Cuidar de Cristo na pessoa do doente significa ser outro Cristo para quem sofre. Significa tornar presente Cristo junto aos doentes e àqueles que os assistem em seu nome. Isso exige uma vida centrada e iluminada pela Palavra de Deus, fortalecida pelo encontro pessoal com Jesus e pela participação generosa e disponível na vida comunitária. A identificação com Cristo e com sua missão torna-nos criativos e responsáveis. Por isso, precisamos aprofundar o conhecimento de Jesus e perceber que a prática do bem revela nossa humanidade e solidariedade para com os doentes e os sofredores. Os santos repetiam e ensinavam: “Quem pratica a caridade nunca se engana”. Cuidemos uns dos outros!

Pe. Gilmar Antônio Aguiar, M.I.
Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Boa Esperança, Pinhais - PR



The Good Samaritan - Jacopo Bassano (1562)

Testemunho

Santa Josefina Vannini: a herança de um carisma de caridade

Santa Josefina Vannini (1859–1911), fundadora da Congregação das Filhas de São Camilo, foi uma mulher de profunda fé, marcada pela confiança na Providência, pela fortaleza diante das adversidades e por uma extraordinária sensibilidade às necessidades dos que sofrem. Sua personalidade, ao mesmo tempo firme e acolhedora, revelou uma capacidade singular de transformar as dificuldades em oportunidades de entrega e serviço.

No encontro com o Beato Luís Tezza, encontrou a confirmação de sua vocação e a possibilidade de concretizar um projeto inspirado na espiritualidade de São Camilo de Lellis. Em 1892, nasceu a Congregação das Filhas de São Camilo, chamada a perpetuar na Igreja o carisma da caridade misericordiosa para com os enfermos.

A intuição de Madre Vannini consistiu em acolher e transmitir a herança espiritual de São Camilo, tornando-a uma missão própria da vida consagrada feminina. Para ela, cuidar dos enfermos não significava apenas oferecer assistência, mas reconhecer, em cada pessoa que sofre, a presença do próprio Cristo. A conhecida exortação camiliana de cuidar dos doentes com o mesmo amor com que uma mãe cuida de seu único filho enfermo expressa a profundidade dessa espiritualidade.

Nesse horizonte, a competência profissional, a dedicação e a ternura não são elementos distintos, mas dimensões inseparáveis de uma mesma vocação. O cuidado torna-se, assim, expressão de uma caridade que acolhe a pessoa em sua integralidade, respeitando sua dignidade e acompanhando-a também nos momentos de maior fragilidade.

A coragem, a perseverança e a fidelidade de Madre Vannini permitiram que essa intuição se transformasse em uma obra que ultrapassou as fronteiras de seu tempo. Seu legado permanece vivo na missão das Filhas de São Camilo, chamadas a atualizar o carisma diante das necessidades da sociedade contemporânea.

O testemunho de Santa Josefina Vannini permanece atual e inspirador. Sua vida recorda que a verdadeira caridade ultrapassa a assistência material e se concretiza na capacidade de reconhecer, acolher e cuidar do outro em sua fragilidade. Em uma sociedade marcada por tantos desafios no âmbito da saúde e das relações humanas, seu legado reafirma a importância de um cuidado que une competência, respeito à dignidade humana e amor ao próximo. A obra que fundou continua a testemunhar que cuidar da pessoa enferma é também uma maneira de promover a vida, restaurar a esperança e tornar visível a misericórdia de Cristo.

Ir. Cássia Almeida, F.S.C.



Pastoral da Saúde: a espiritualidade diante das fragilidades humanas

De modo geral, no século XXI, os órgãos internacionais e nacionais ligados à saúde humana demonstram preocupação com a integralidade da saúde da pessoa enferma e recomendam, como necessidade fundamental do cuidado integral, que o enfermo possa contar com ações de assistência espiritual em unidades de saúde.

Evidências científicas associam as práticas espirituais a melhor qualidade de vida, maior satisfação pessoal, resiliência e bem-estar subjetivo. A neurociência, por exemplo, tem destacado, em seus estudos, mudanças neurobiológicas associadas às práticas espirituais e possíveis efeitos positivos na regulação emocional, no foco da atenção e na plasticidade cerebral.

No entanto, sob uma perspectiva antropológica que considera o sujeito e seu contexto, perguntar pela saúde de alguém significa considerar o ser humano em sua integralidade. Fatores genéticos e ambientais, condições sociais, culturais e econômicas, estilo de vida, acesso aos serviços médicos, saúde emocional e mental, relações interpessoais e comunitárias e dimensão espiritual têm impacto direto na saúde integral da pessoa.

Por outro lado, no ambiente escolar, parece haver uma aparente naturalização de indicadores que mostram altos índices de depressão entre crianças, inclusive entre aquelas que vivem em condições socioeconômicas confortáveis e têm acesso a bens e serviços essenciais. Parece, então, que não basta "ser normal": seria preciso sentir-se bem, alegre e motivado o tempo todo. Na sociedade atual, parece já não haver espaço para a tristeza, a frustração ou o desânimo, como se toda manifestação precisasse de diagnóstico, terapia e/ou medicamentos.

Rotineiramente, assistimos, atônitos, a reportagens nacionais e internacionais que mostram um número expressivo de pessoas em excelente condição física, mas profundamente adoecidas por transtornos psíquicos e fobias, que reagem com violência à frustração ou procuram isolar-se do mundo exterior. Apesar dos avanços da ciência, da medicina, da tecnologia e da comunicação e do maior acesso aos serviços de saúde, os indicadores atuais apontam para um adoecimento relacionado à fragilidade humana. Seriam "cristais humanos": pessoas frágeis e inseguras, distantes de um perfil desejável de saúde integral.

Essa fragilidade humana de caráter patológico cresce principalmente nos grandes centros urbanos. Já se admite a "possibilidade de ter de conviver com uma depressão passageira ou crônica", segundo



Álvares (2013). Identificar problemas na formação humana é um dos desafios que o século XXI apresenta aos profissionais da saúde e de áreas afins. Parece haver um desequilíbrio na formação da personalidade que dificulta o preparo da pessoa para lidar com frustrações, perdas e decepções. Segundo Álvares (2013), os jovens de hoje não são necessariamente mais maduros, mas apenas têm acesso a mais informações, e as patologias comportamentais são cada

Foto por Jessika Arraes, via Pexels

vez mais frequentes, como o alcoolismo, a toxicomania, a ludopatia, a dependência sexual, do trabalho e da comida, a anorexia, certas formas de neurose e o estresse.

Nessa linha de reflexão, busca-se compreender as “dores da alma”. Em diálogos com enfermos atendidos pelos serviços de capelania e pela Pastoral da Saúde, muitos relatam uma dor interior que corrói a alegria de viver e a esperança de lutar; muitas vezes, não conseguem explicar o que lhes dói. As “dores da alma”, expressão do sofrimento interior da pessoa enferma, precisam ser acolhidas, escutadas, compreendidas e tratadas, de preferência, por equipes multidisciplinares nas unidades de saúde. Essas dores podem estar ligadas a fobias e a outros transtornos psíquicos, bem como a fatores emocionais, sociais e espirituais.

É necessário compreender a espiritualidade como opção fundamental de vida, capaz de motivar a pessoa a lutar e a viver, definir quem ela é e orientar o que faz, suas relações interpessoais e sua própria subjetividade. Nesse sentido, a espiritualidade pode dar sentido à vida, acalentar a dor interior, trazer conforto e tocar a alma da pessoa.

Elisabet Ristow
Especialista em Assistência Espiritual em Unidades de Saúde
consultoraelisabetristow@gmail.com



Foto por Sachu Zayn, via Pexels

ÁLVAREZ, Francisco. Teologia da Saúde - São Paulo: Paulinas: Centro Universitário São Camilo, 2013.

“Anunciai o Reino de Deus e curai os doentes”.

(Mt 10,7-8; Lc 10,9-11)

O anúncio do Reino e a cura dos enfermos acompanham o missionário que, em nome de Cristo, sai para evangelizar.

Em nossas visitas ao Hospital Erasto Gaertner, em Curitiba (PR), quase sempre podemos realizar essa obra junto aos doentes que sofrem de câncer e aos seus familiares.

A presença do religioso traz a ternura de Cristo, que suaviza a dor do paciente acamado. A palavra dirigida a ele, bem como aos acompanhantes e familiares, pode ser fonte de consolo e esperança. A combinação de ambas permite que quem sofre e quem o acompanha compreendam melhor o sentido da enfermidade e se sintam amparados e cuidados por Cristo, o Bom Pastor, que sai em busca da ovelha que se extraviou e não mede esforços até encontrá-la e confortá-la.

Nas imagens de São Camilo de Lellis, é comum vê-lo com uma das mãos sustentando o doente e a outra levantada, apontando para o alto, como se anunciasse o Evangelho e manifestasse, a quem o contempla, a chegada do Reino por meio da cura e do anúncio da Boa-Nova, a Palavra de Vida. Como não recordar as palavras do Divino Mestre: “Convertei-vos e crede no Evangelho, porque o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15).

A nós, camilianos, chamados a visitar e assistir os doentes, pede-se que unamos sempre à Palavra o cuidado e o alívio dos que sofrem, oferecidos por meio da bênção, da oração e dos sacramentos. A Palavra fortalece a fé, reaviva a esperança e comunica o amor de Cristo misericordioso, que continuamente chama à conversão.

A crise provocada pela enfermidade (ou a enfermidade que gera uma crise) pode ser uma ocasião propícia, um verdadeiro kairós, para esse encontro e para a conversão.

Assim, o Reino de Deus será anunciado e se tornará presente nesses encontros fraternos e cheios de ternura.

Pe. Carlos Toseli, M.I.
Capelão do Hospital Erasto Gaertner
Curitita, Paraná



A Cruz na Carta aos Gálatas: encontrando um sentido para o sofrimento?

A carta aos Gálatas apresenta a cruz de Cristo como eixo central da fé cristã e chave interpretativa para a vida do crente diante do sofrimento. Em um contexto de tensões doutrinárias e identitárias, Paulo mostra que na cruz se revela o sentido da liberdade cristã, da graça e da nova existência em Cristo. Longe de ser apenas símbolo de dor ou derrota, a cruz possui caráter transformador: nela, o sofrimento humano pode ser ressignificado à luz do amor redentor e da esperança do Evangelho.



A experiência paulina da cruz constitui uma chave para compreender o sofrimento. Na própria vida de Paulo, a cruz não é uma ideia abstrata, mas uma realidade que molda sua identidade apostólica. Paulo vive a tensão entre a fidelidade ao Evangelho e a oposição daqueles que buscavam deslegitimar seu apostolado. Por isso, o sofrimento não aparece como sinal de fracasso ou ausência da ação divina, mas como participação no evento da cruz de Cristo. "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2,19-20). Assim, a dor torna-se expressão concreta da conformidade com Cristo crucificado. As marcas do sofrimento tornam-se sinais de sua autenticidade: "Trago em meu corpo as marcas de Jesus" (Gl 6,17).

O sofrimento cristão possui natureza relacional: seu sentido nasce da participação no mistério pascal. Ser "crucificado com Cristo" significa participar não apenas de sua morte, mas também de sua vida. A dor deixa de ser mero resultado de circunstâncias adversas e pode tornar-se caminho de configuração interior ao Senhor. Essa compreensão aparece também na dimensão pastoral da carta: Paulo sofre pelo bem da comunidade e associa sua própria dor ao processo de maturidade espiritual dos gálatas: "minhas dores de parto" continuam até que Cristo seja formado neles (Gl 4,19). O sofrimento pode, assim, expressar amor, cuidado, solidariedade e corresponsabilidade.

Em Gálatas 3,13, Paulo afirma que Cristo "se fez maldição" ao ser pendurado no madeiro. Essa passagem é fundamental para compreender como a cruz ressignifica a dor humana. Ao retomar Dt 21,23, Paulo apresenta Cristo como aquele que assume voluntariamente a condição de maldição para abrir caminho à bênção prometida a Abraão. Desse modo, o sofrimento deixa de ser necessariamente sinal de rejeição divina. A cruz revela a proximidade de Deus no momento mais profundo da dor.

A maldição também se relaciona com a condição humana marcada pela fragilidade e pela incapacidade. O sofrimento não é

apresentado simplesmente como consequência de falha moral, mas como realidade da vulnerabilidade humana. A cruz revela que Deus não ignora essa condição, mas a assume. Por isso, o cristão não precisa interpretar seu sofrimento como castigo divino, mas pode compreendê-lo à luz do amor redentor de Deus. A cruz não elimina a dor, mas oferece um horizonte espiritual para atravessá-la com esperança.

Essa perspectiva impede interpretações simplistas do sofrimento, seja como castigo, seja como fatalidade. A cruz também denuncia compreensões religiosas que instrumentalizam a dor ou buscam segurança evitando o escândalo do Evangelho. A cruz transforma a percepção da dor: em vez de significar abandono, pode tornar-se expressão da proximidade de Deus; em vez de representar perda de sentido, pode abrir caminho para a transformação interior.

Por fim, a cruz também é o fundamento da liberdade cristã. Paulo afirma: “Cristo nos libertou para sermos verdadeiramente livres” (Gl 5,1). Essa liberdade permite enfrentar o sofrimento sem interpretá-lo como fracasso espiritual ou punição divina. Ela permite permanecer firme diante da oposição e superar o medo. Ela não elimina a dor, mas impede que ela determine o sentido da vida. Assim, em Gálatas, o sofrimento encontra sentido não como punição, mas como realidade que pode ser vivida em comunhão com o amor de Cristo. A cruz revela que Deus não permanece distante do sofrimento humano, mas o assume em Cristo. Compreender a cruz implica reconhecer que o sofrimento, vivido na fé e na comunhão com Cristo, pode tornar-se espaço de esperança.

Rel. Deivis Rafael Rivera Vizcaíno
Membro da Congregação das Escolas de Caridade (Religiosos Cavanis)



Foto por Nikiem Mert, via Pexels

XLV Congresso Brasileiro de Humanização e Pastoral da Saúde: um diálogo sobre fraternidade e moradia

Nos dias 5 e 6 de setembro de 2026, foi realizado o XLV Congresso Brasileiro de Humanização e Pastoral da Saúde, promovido pelo Instituto Camiliano de Pastoral da Saúde (ICAPS), no Centro Universitário São Camilo. Com o tema “Fraternidade e Moradia”, o encontro promoveu reflexões sobre a dignidade humana, o cuidado integral e a solidariedade.

A programação reuniu especialistas e agentes pastorais em palestras sobre a dimensão sociotransformadora da Campanha da Fraternidade, os 40 anos da Pastoral da Saúde Nacional, os cuidados paliativos, a espiritualidade no fim da vida e a saúde bucal. Também foram apresentadas experiências missionárias e solidárias, como a Missão Camiliana na Foz do Rio Amazonas e o Projeto Fraldão Solidário, da Diocese de Uberlândia, além de reflexões sobre a animação bíblica da Pastoral da Saúde.

O congresso reafirmou o compromisso camiliano com a humanização da assistência e a promoção da vida, fortalecendo a integração entre conhecimento, espiritualidade e ação pastoral a serviço das pessoas, especialmente as mais vulneráveis.













Acesse agora mesmo as fotos do evento
Clique aqui ou aponte a câmera do seu celular para este QRCode e confira.

INSTITUTO CAMILIANO DE PASTORAL DA SAÚDE

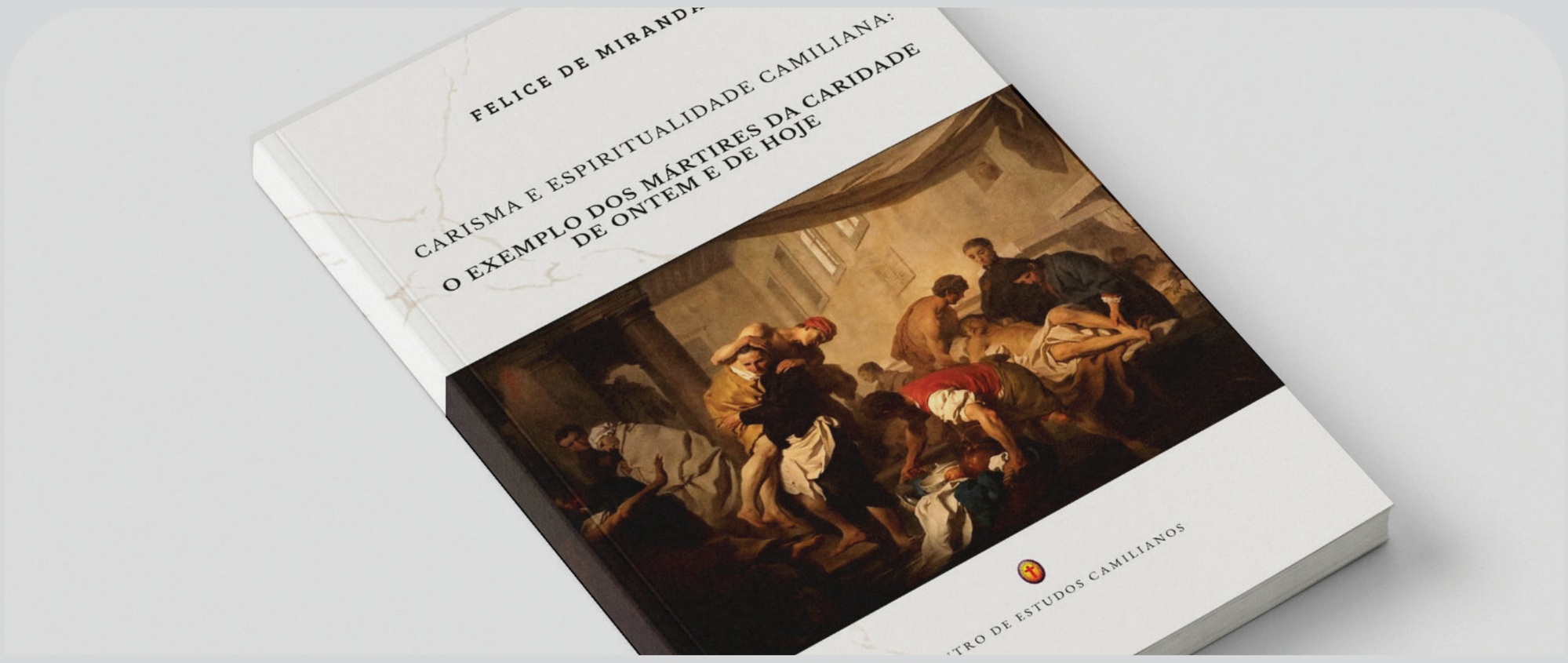
Fique de olho!



Novo canal do ICAPS no WhatsApp

O ICAPS está com um novo canal no WhatsApp! Um espaço para acompanhar novidades, lançamentos e conteúdos do Instituto Camiliano de Pastoral da Saúde.

Acompanhe de perto!
Escaneie o QR Code ou **clique aqui**
e siga o canal do ICAPS no WhatsApp.



Novo livro - Carisma e espiritualidade Camiliana: O exemplo dos mártires da caridade de ontem e de hoje

Uma história de fé, coragem e entrega à vida!

O Pe. Felice de Miranda apresenta a história dos Mártires da Caridade, religiosos camilianos que entregaram a própria vida no cuidado aos doentes durante grandes epidemias. A obra resgata testemunhos de amor ao próximo e fidelidade ao carisma de São Camilo, inspirados nas palavras de Jesus: “Ninguém tem maior amor do que este: dar a vida pelos seus amigos” (Jo 15,13).

Originalmente escrito em italiano, o livro está disponível em versão impressa traduzida e em e-book.

Adquira seu exemplar!
Disponível exclusivamente na Amazon.
Escaneie o QR Code ou clique aqui
para conhecer a obra e garantir o seu.

/Acompanhe-nos em nossas redes sociais: @icaps.pastoral
Instituto Camiliano de Pastoral da Saúde